



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

AMANDA BARBOSA CARDOSO

**UM NOME AO LONGO DO TEMPO: OS DISCURSOS DE LITERATOS
PARNAIBANOS SOBRE SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA NO ALMANAQUE DA
PARNAÍBA (1924-1965)**

**PARNAÍBA-PI
2024**

AMANDA BARBOSA CARDOSO

**UM NOME AO LONGO DO TEMPO: OS DISCURSOS DE LITERATOS
PARNAIBANOS SOBRE SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA NO ALMANAQUE DA
PARNAÍBA (1924-1965)**

Artigo apresentado à Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.
Orientador(a): Prof. Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior.

**PARNAÍBA-PI
2024**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO



CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos doze dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 18:30, no miniauditório do campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, na presença da banca examinadora presidida pelo professor **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** e composta pelos seguintes professores membros: **Fernando Bagiotto Botton** e **João Carlos de Freitas Borges**, a aluna **Amanda Barbosa Cardoso** apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **UM NOME AO LONGO DO TEMPO: OS DISCURSOS DE LITERATOS PARNAIBANOS SOBRE SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA NO ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1924-1965)**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela **APROVAÇÃO** da candidata e eu, professor Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pela aluna apresentadora do trabalho.

Obs.: Nota **10,0**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br IDELMAR GOMES CAVALCANTE JUNIOR
Data: 19/06/2024 22:12:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr. **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí

Documento assinado digitalmente
gov.br FERNANDO BAGIOTTO BOTTON
Data: 18/06/2024 20:19:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. **Fernando Bagiotto Botton** (Examinador Interno)
Universidade Estadual do Piauí

Documento assinado digitalmente
gov.br JOAO CARLOS DE FREITAS BORGES
Data: 19/06/2024 22:08:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. **João Carlos de Freitas Borges** (Examinador Externo)
Rede Privada de Ensino

Documento assinado digitalmente
gov.br AMANDA BARBOSA CARDOSO
Data: 20/06/2024 15:27:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Amanda Barbosa Cardoso (Graduanda)

“O sonho acabará por florescer no final das dificuldades”.

(Min Yoon-gi)

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais e meu irmão, agradeço imensamente pelo apoio e incentivo dados durante todos esses anos de vida acadêmica. Ao cuidado e esforço de vocês, que possibilitaram que eu me dedicasse inteiramente aos estudos, devo todas as experiências que vivi e que moldaram quem eu sou hoje.

À minha preciosa amiga Rabesh, que desde a escola tem sido minha parceira nos estudos e nos altos e baixos da vida, obrigada por estar ao meu lado — literal e figurativamente —, sempre enfatizando minhas qualidades e me confortando. Nossa amizade é para sempre!

À minha querida amiga Agata, que acompanhou de longe toda a minha trajetória no curso e apaziguou minhas inseguranças com suas mensagens encorajadoras, obrigada por acreditar em mim, apoiar minhas escolhas e me fazer mais confiante.

À minha divertidíssima amiga Andréia, um achado da faculdade que quero levar para a vida, obrigada pela paciência de ler as dezenas de versões que eu te enviei deste trabalho e por tornar tudo mais descontraído com as suas conversas!

Ao meu orientador Idelmar, toda a minha gratidão pela paciência nesse percurso e pelos conselhos que viabilizaram a conclusão deste trabalho.

**UM NOME AO LONGO DO TEMPO: OS DISCURSOS DE LITERATOS
PARNAIBANOS SOBRE SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA NO ALMANAQUE DA
PARNAÍBA (1924-1965)**

*Amanda Barbosa Cardoso
Idelmar Gomes Cavalcante Júnior*

RESUMO

Este artigo analisa a influência da "escriturística da saudade" na construção do mito de Simplício Dias da Silva, considerado uma figura histórica da cidade de Parnaíba, Piauí. Para tanto, foram examinadas as menções a Simplício nas edições do *Almanaque da Parnaíba* lançadas entre os anos de 1924 a 1965, período que abrange a crise das exportações após a Segunda Guerra Mundial, momento em que "escriturística da saudade", produção literária que buscou resgatar o passado áureo de Parnaíba, passa a se manifestar na escrita dos literatos parnaibanos.

Palavras-chave: Simplício Dias da Silva; escriturística da saudade; Almanaque da Parnaíba; memória; mito.

Introdução

Desde o século XIX, Parnaíba se destacava dentro da economia do Piauí devido às exportações de produtos oriundos do extrativismo animal (charque e couro). Essa realidade se intensificou durante as primeiras décadas do século XX com as exportações de produtos provenientes do extrativismo vegetal como a cera de carnaúba, o látex da maniçoba, o babaçu e o algodão, e com as ações dos exportadores Casa Marc Jacob, Casa Inglesa dos Clark e o estabelecimento dos Moraes Correia (Rego, 2010).

A ascensão da economia de Parnaíba permitiu que a sua alta sociedade e os bairros mais abastados vivenciassem a chegada da modernidade na primeira metade do século XX por meio de mudanças na arquitetura e urbanização (criação usinas de energia, ações de saneamento, etc.), na educação (com a criação do Grupo Escolar Miranda Osório, a Escola Normal de Parnaíba e a fundação do Ginásio Parnaibano) e dos programas culturais (por meio do cinema, do futebol, das bandas, dos passeios na praça, entre outros) (Rego, 2010). Segundo Cleto Sandys Nascimento de Sousa

Parnaíba foi uma cidade que cresceu rapidamente, alavancada pela exportação de produtos de interesse no mercado internacional, como o babaçu e a cera de carnaúba. Por ser acessível, isto é, uma cidade no centro do comércio naval piauiense, bem

servida por uma ferrovia que ligava o norte ao centro do estado, aparecia como uma cidade em metamorfose, uma metrópole em brotamento. Esse crescimento também se referia à ascensão cultural, dada pela proliferação de livrarias, tipografias, jornais, negócios, aumentando o número de “editores”. Registrou-se um movimento sutil de escritores, reconhecidos ou não, ilustrando essa mudança (SOUSA, 2018, p.45).

Passou-se a entender que as mudanças e novidades necessitavam de serem traduzidas para que a população compreendesse o período significativo pelo qual passavam, tarefa que os literatos parnaibanos, um grupo oriundo das elites intelectuais e comerciais local e que escrevia para outras pessoas inseridas nessa mesma camada, se incumbiram de fazer, utilizando o *Almanaque da Parnaíba* como um de seus principais veículos para transmissão de discursos. Ao tratar do anuário, Samylla de Sousa Pereira defende que

A preponderância dessa fonte para a compreensão da história da cidade se justifica pelo fato de que seus inúmeros anúncios publicitários, reportagens, poesias, estatísticas, corografias, artigos científicos e de opinião foram formulados e direcionados pelas/para as elites locais, facilitando não apenas a compreensão da cidade no decorrer dos anos, mas, antes disso, a autocompreensão que tais elites possuíam de si mesmas e de seu papel de coadjuvantes nos destinos econômicos, sociais e políticos da cidade (Pereira, 2023, p. 22).

O *Almanaque da Parnaíba* surgiu da iniciativa do comerciante Benedicto dos Santos Lima no ano de 1924, em uma época de grande desenvolvimento econômico e transformação urbana e social de Parnaíba, propondo-se a traduzir tais mudanças e oferecer registros políticos, econômicos e, principalmente, sociais da cidade para que população abastada parnaibana pudesse “se reconhecer moderna” (Cavalcante Júnior, 2015, p. 113). Em relação a essa “modernidade” e os moradores da cidade, Cleto de Sousa afirma que

Essa modernidade remodelou circunscrições de velhas tradições e indicou diversos “marcos civilizatórios”, ao confrontar antigos espaços de sociabilidade, dando-lhes novos sentidos, criando novos códigos de conduta, apresentando valores morais que impactavam diretamente no cotidiano, inserindo novas referências e modelos, interferindo diretamente na vida de seus habitantes e, desse modo, nas subjetividades. O sentido que a modernidade assumiu para os moradores locais não era partilhado por esses indivíduos da mesma maneira (SOUSA, 2018, p. 66)

Por meio de discursos engajados com o desenvolvimento da cidade, principalmente na década de 30, o anuário procurava traduzir para as pessoas que tinham acesso às suas edições as reformas urbanísticas e os novos padrões de consumo e comportamento que estavam sendo adotados em Parnaíba não somente como forma de evidenciar o seu processo de modernização, mas também visando prestigiar a economia e sociedade parnaibana (Lima e Ribeiro, 2015). Para que tais propósitos fossem alcançados, espaços e instituições

bem-sucedidos eram evidenciados por meio das propagandas de seus empreendimentos, enquanto a “alta sociedade”, formada pela elite comercial local e pessoas influentes, ganhava destaque por meio de poemas, notas e artigos de opinião.

O *Almanaque da Parnaíba*, como também outros projetos, mesmo que de menor expressão, eram responsáveis por estabelecer uma nova consciência na sociedade parnaibana, de modo que esta se reconhecesse em um novo tempo. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior evidencia, porém, que esse tempo observado é uma construção social — e não natural — de uma sociedade em determinada época e que

Podemos, assim, admitir não só que o tempo sofreu uma aceleração em Parnaíba, nas primeiras décadas do século XX; mas que ele parece ter diminuído o seu ímpeto a partir da segunda metade do século. E em ambas as situações, a escrita dos literatos parnaibanos foi decisiva, demonstrando a capacidade que a linguagem tem para traduzir, em conceitos, o espaço de experiência e o horizonte de expectativa de uma sociedade (Cavalcante Júnior, 2015, p. 118).

Os bons momentos para a economia parnaibana se estendem até o fim da Segunda Guerra Mundial quando, diante da crise das exportações, o comércio local passa a observar o declínio de sua economia e a desaceleração do ritmo de modernização vivenciado pela cidade desde as primeiras décadas do século XX até então. Tendo circulado por cerca de seis décadas na cidade (1924-1884), o *Almanaque da Parnaíba* acabou por traduzir também o período de estagnação econômica da urbe, que influenciou de forma decisiva a escrita dos literatos parnaibanos mais uma vez.

Diante da desaceleração do progresso constante e de uma crise que ameaçava levar o que Parnaíba tinha conquistado até então, esses autores passam a renegar o presente “decadente” e o futuro “sem perspectivas” que estavam vivenciando e, em seus escritos repletos de saudosismo, relembrar o passado de ouro de Parnaíba, criando obras memorialísticas que representavam a cidade a partir de uma história monumental que parte da ideia de Parnaíba como uma cidade necessária e importante para a economia da colônia e, após a independência — processo no qual Parnaíba e seus “cidadãos ilustres” teriam tido participação imprescindível — para a economia do reino. Esse movimento pode ser chamado de “escriturística da saudade”, um termo trabalhado por Idelmar Cavalcante Júnior para pensar a prática de literatos parnaibanos que, a partir da segunda metade do século XX, passam a produzir obras com o intuito de reafirmar “a grandeza parnaibana por meio da preservação da memória da cidade em seus tempos de exuberância” (2015, p. 116).

Os autores inseridos nessa lógica, raramente historiadores de formação, escreviam

sobre lugares, personalidades e acontecimentos considerados por eles importantes para a história da cidade, baseando-se em suas próprias vivências e experiências como pessoas pertencentes a elite local ou a fidalguias que agora se viam decadentes, o que “fazem com a intenção de tentar salvar o legado de seus antepassados, pois a constituição da identidade de uma sociedade dividida em classes, afinal, não pode ser deixada ao sabor do acaso” (Cavalcante Júnior, 2023, p. 90). Por isso, quando o texto da vez girava em torno das elites, o discurso era vazio de críticas e o foco principal era voltado para as virtudes dessas pessoas, como Simplício Dias da Silva, visto que

[...] a consciência de ser parnaibano passou a ser criada a partir da segunda metade do século passado dentro de um regime de verdade segundo o qual todos os parnaibanos devem se perceber como herdeiros de um passado iluminado, povoado por uma elite esclarecida e próspera. Todos seriam herdeiros do aristocrata Simplício Dias, que de tão influente teria recebido convite do próprio D. Pedro I para assumir o cargo de Presidente da Província do Piauí em 1823, cargo que acabou recusando. E o mais peculiar nesse enquadramento da memória é que as elites do passado só é associado ao progresso da cidade, a sua estagnação, não (Cavalcante Júnior, 2015, p. 123).

Simplício foi filho de Domingos Dias da Silva, um fidalgo português que se instalou em Parnaíba por volta de 1768 e prosperou em suas empreitadas comerciais ao desenvolver a indústria do charque, das embarcações e do sal, além de incentivar o comércio da localidade, uma vez que sua chegada ocasionou o surgimento de novas fazendas de gado e a criação de casas comerciais (Rego, 2010). O sucesso de seus negócios permitiu à família dos Dias da Silva a manutenção de um alto padrão de vida, o que foi transmitido para Simplício após herdar a grande fortuna do pai.

Simplício procurou anexar à colossal fortuna, herdada de seu pai, o lado cosmopolita e social do final do século setecentista. Além de possuir músicos instruídos na Europa, o seu palacete tinha mobílias, louças e espelhos no estilo francês da regência e diretório, como era apanágio da época. As importações de tais apetrechos de origem francesa chegavam via Lisboa, cidade em que mantinha um representante (Neto, 2000, p. 280 apud Rego, 2010, p. 146).

O *Livro do Centenário da Parnaíba: estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba*, lançado em 1945, colocou especial evidência ao espaço que Simplício Dias ocuparia na história política e econômica da cidade. Segundo Fernando Botton (2022), o livro, organizado pelo professor Benedicto Jonas Correia e pelo empreendedor gráfico Benedicto dos Santos Lima, este último o fundador do *Almanaque da Parnaíba* e seu

principal editor até 1941, tinha como objetivo homenagear e exaltar a cidade a partir da compilação de documentações que abrangem os mais diversos aspectos de Parnaíba.

Desta forma podemos considerar que, por seu intuito ufanista e (auto)enaltecedor, tal documento é absolutamente rico e autossuficiente no sentido simbólico-discursivo, especialmente se quisermos compreender as concepções, valores e perspectivas que as elites políticas e econômicas projetavam para a cidade da época (Botton, 2022, p. 220).

Em relação à Simplício Dias, os organizadores acabaram por compilar uma série de documentos/textos que atribuem qualidades à sua pessoa e concebem discursos que serão reproduzidos na escrita de outros intelectuais parnaibanos, estando presentes inclusive em publicações do *Almanaque da Parnaíba*. Simplício é apresentado como “a mais expressiva figura da história parnaibana – na política, no comércio e na lenda” (Correia e Lima, 1945, p.41), o que revela a grandiosidade e o potencial simbólico que a sua imagem representaria para os responsáveis pelo livro, pois esses elementos "intercalam no mesmo homem a desenvoltura política que haveria de espelhar nos governantes daquela época junto do êxito comercial que haveria de ressoar das elites parnaibanas" (Botton, 2022, p. 227).

Na esfera econômica, é conferida grande responsabilidade a Simplício e sua família pelo desenvolvimento de Parnaíba — na época ainda Vila de São João da Parnaíba —, que lhe deveria pelo financiamento da construção da Igreja Matriz, pela Casa Grande, pelo esforço em prol da instalação de uma alfândega, entre outros avanços. Já na esfera política, seu reconhecimento estaria atrelado à ideia de que a cidade teria se tornando um centro de irradiação de ideias liberais graças ao seu dinheiro e às suas atitudes corajosas, o que teria resultado na adesão à Independência, um gesto “nobre e do mais puro patriotismo” como defendem os autores ao declarar que

Simplício Dias não é o mulato ambicioso que afronta os reis com a sua fortuna, ou o miliciano vaidoso que desembainha sua espada num gesto quixotesco de desdém, desafiando valoroso cabo de guerra português, — é a encarnação da coragem voluntariosa que tem um nobre destino a cumprir, guiado por um sublime ideal: a liberdade (VERAS apud CORREIA e LIMA, 1945, p. 35).

Diante desse cenário, objetivo deste artigo se tornou o de procurar compreender se e até que ponto a “escriturística da saudade” contribuiu para a mitificação de Simplício Dias da Silva — a construção de sua imagem como herói e importante personagem histórico de Parnaíba —, a partir da análise das menções a sua pessoa presentes no *Almanaque da Parnaíba* entre os anos de 1924 e 1965. Esse recorte temporal é dividido em duas partes

levando em consideração a crise das exportações vivenciada por Parnaíba a partir do fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a consequente emergência da “escriturística da saudade” nos trabalhos de literatos parnaibanos, resultando na seguinte divisão: *1924-1944* (20 edições anteriores à “escriturística da saudade, contando a partir do ano de lançamento do anuário) e *1945-1965* (20 edições sob a influência da “escriturística da saudade”, contando a partir do fim da Segunda Guerra Mundial).

A análise do *Almanaque da Parnaíba* nos direciona para dois subgrupos: 1) produções que possuem Simplício como a figura central, na quais ele pode ser classificado como o sujeito do texto, uma vez que todos os relatos, fatos e/ou curiosidades giram em torno de sua figura, se tratando muitas vezes, no caso dos artigos presentes no *Almanaque da Parnaíba*, de uma biografia de sua pessoa; e 2) produções em que Simplício é uma personagem secundária, nas quais o tema central do texto e/ou poemas não giram em torno de dele, mas mencionam seu nome levando em conta os graus de participação que ele teve no lugar/acometimento tratado (é o caso de textos sobre a cidade de Parnaíba, sobre o processo de independência no Piauí, que se estende de 19 de outubro de 1822 ao 04 junho de 1923, e sobre o estabelecimento de uma alfândega na então Vila de São João da Parnaíba entre outros).

Para pleno desenvolvimento deste artigo, procuramos dialogar com autores que nos dessem suporte técnico como Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, Aleida Assmann, Eric Hobsbawm e José Murilo de Carvalho, que tratam de conceitos considerados importantes para a compreensão do tema como escriturística da saudade, memória, fama, tradições, mito e heroização. Além disso, citamos os autores Junia Motta Antonaccio Napoleão do Rego, Samylla de Sousa Pereira, Cleto Sandys Nascimento de Sousa, Fernando Bagiotto Botton e Francineila Lima Miranda para nos ajudar a abordar Simplício Dias da Silva e o *Almanaque da Parnaíba*, objeto e fonte de pesquisa deste trabalho.

Simplício Dias da Silva entre 1924 e 1944

Simplício como figura principal

O primeiro texto do anuário a ter Simplício Dias como figura central, intitulado “Os Dias da Silva e a Casa Grande de Parnahyba”, foi publicado sem autoria no ano de 1930 como “subsídio para a história da Parnahyba” (*Almanaque da Parnaíba*, 1930, p. 36) e em homenagem ao centenário de morte de Simplício. Em um primeiro momento, é feita uma breve explanação sobre como ocorreu a criação da Casa Grande e sobre a vida e morte de seu fundador, Domingos Dias da Silva, mencionado como “o maior industrial de xarqueada no

Piauhy, também fazendeiro, lavrador, negociante a grosso, proprietário de avultada escravatura e de navios” (Almanaque da Parnaíba, 1930, p. 36). Depois, para falar de Simplício, o artigo traz a transcrição do texto publicado no jornal “O Dia”, sem autoria e também publicado como homenagem ao centenário de morte de Simplício, que conta com as declarações de um historiador não identificado que o descreve como o “o mais ilustre” e “amado” filho de Parnaíba, que passou toda a sua vida pública e particular honrando “o nome Parnahybano” por meios de suas atitudes ilustres (Almanaque da Parnaíba, 1930).

Para o historiador, Simplício é assim fonte de orgulho, o filho que retribui e presenteia sua cidade natal a ela prestando serviços, sendo o maior benfeitor donatário da sua Igreja Matriz, estando por trás do pleito pela criação de uma alfândega na vila que permitiria o pleno desenvolvimento do comércio de Parnaíba e "liderando" o processo de independência no Piauí, sendo este último motivo de reconhecimento do papel e do patriotismo de Simplício por parte de D. Pedro I, e por isso “justamente é a homenagem que Parnahyba glorifica, sob os influxos do que tem de socialmente mais representativo, rendendo preito à memória de seu amado filho [...]” (Almanaque da Parnaíba, 1930, p. 39).

Ainda segundo as declarações do historiador não identificado, Simplício teria sido uma figura célebre e renomada reconhecida por seu "fausto, riqueza e posição social" no Piauí ou até mesmo fora do estado, e o texto dedica especial atenção às mercês que ele teria recebido de D. Maria I, que a ele se referia como “nobre fidalgo meu jovem colono brasileiro”, e de D. Pedro I (Almanaque da Parnaíba, 1930, p. 37).

O texto, composto por três laudas, conta com duas imagens em sua primeira página: uma foto da Casa Grande dos Dias da Silva (Figura 1) à época em que o anuário foi publicado e um retrato de Simplício Dias da Silva.

Figura 1 - Casa Grande dos Dias da Silva.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1930, p. 35. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Simplicio como figura secundária

No seu terceiro ano de circulação, 1926, a edição do *Almanaque da Parnaíba* veiculou finalmente o seu primeiro editorial, no qual seus responsáveis afirmam que a criação do anuário partiu da ideia de que “Parnahyba, que vae seguindo de perto a cavalgata do Progresso carecia da publicação de um opusculo que patenteasse o gráo, já intenso, do adiantamento do seu povo” (*Almanaque da Parnaíba*, 1926, p. 03), assim traduzindo para a sociedade que lia o anuário as mudanças que eles vivenciavam, e que estavam convictos de que criavam “uma obra genuinamente parnahybana, para gaudio desta terra que se afestôa com as armas heraldicas, de Simplicio Dias” (*Almanaque da Parnaíba*, 1926, p. 03).

Ao trabalhar a “tradição inventada”, Eric Hobsbawm (1997) afirma que o termo se trata de práticas de natureza ritual ou simbólica que, por meio da repetição, tem como intuito a transmissão de valores e normas de comportamento em uma tentativa de promover uma "continuidade em relação ao passado", dando preferência a um passado que seja historicamente apropriado. Contudo, conforme o autor, essas mesmas práticas inventadas possuem a tendência de serem vagas e gerais em relação aos valores que querem transmitir (patriotismo, lealdade, dever, entre outros), predominando "a invenção de sinais de associação a uma agremiação que continham toda uma carga simbólica e emocional, ao invés da criação de estatutos e do estabelecimento de objetivos da associação" (Hobsbawm, 1997, p. 19), como o hino, a bandeira e as armas nacionais.

De fato, atualmente o brasão de armas adotado atualmente pela cidade e município de Parnaíba (Figura 3) é, segundo a Lei N. 256, promulgada em 07 de setembro de 1963, uma cópia daquele existente no túmulo de Simplicio Dias da Silva, “figura exponencial da história parnaibana” (*Parnaíba (PI)*, 1963). Além do brasão nas cores azul, verde e amarelo como referência à bandeira do Brasil e da presença da palavra “Parnaíba”, foram adotadas três datas: 1762, ano da criação da Vila de São João da Parnaíba; 1844, o que seria o ano da elevação de Parnaíba à cidade; e 1963, ano em que o brasão de Armas Municipais foi instituído.

Figura 3 - Esboço do brasão de Armas Municipais.



Fonte: 3º Código de Posturas do Município da Parnaíba, 1963, p. 7. Acervo: Biblioteca Prof. Benedicto Jonas Correia - Parnaíba.

Em 1928, buscando cumprir o objetivo que seus editores tinham de transformar o ainda “Almanack da Parnahyba” em um “anuario imprescindivel e necessario, no lar, como no escriptorio, assim na cidade como no povoado, em razão da multiplicidade das suas informações e da variedade da sua leitura, que distrae e instrue e ensina e orienta” (Almanaque da Parnaíba, 1928, p. 02), a edição contou com um verbete enciclopédico intitulado “Município de Parnaíba”, no qual constam uma série de informações como limites, altitude, população, indústrias, administração municipal, entre outros muitos dados locais. Na seção “descrição da sede”, Parnaíba é retratada como “Pátria de Simplicio Dias [...]” e o mesmo texto foi veiculado em outras 08 edições, sofrendo uma leve alteração a partir da publicação de 1929, em que Parnaíba passa a ser descrita como “Berço de Simplicio Dias [...]”.

Em 1933, é veiculado no anuário um poema inédito de nome “Aos legionários parnaibanos”, escrito por Pedro Brito, membro da Academia Piauiense de Letras, que homenageia Parnaíba descrevendo-a como heroica, pioneira da independência e como “[...] terra de Osório e de Simplicio” (Almanaque da Parnaíba, 1933, p. 206). Na edição de 1934, em um texto sem autoria que discute a longa luta em torno da construção do Porto de Amarração — antigo nome da cidade de Luís Correia — e denuncia o desinteresse do poder público federal nesta questão onde “repousam todas as esperanças do povo do Piauí” (Almanaque da Parnaíba, 1934, p. 255), Parnaíba é aludida como a “terra de Simplicio Dias, dos Souza Martins, dos Castelo Brancos, Dos Ozorios [...]” (Almanaque da Parnaíba, 1934, p. 255).

A edição de 1936 veiculou 02 artigos e 01 poema que mencionam Simplicio em algum momento. A seção intitulada “Vultos Parnaibanos” homenageia ao longo de 04 páginas o

coronel Sebastião Hermes de Seixas, antigo intendente municipal — o equivalente da época ao cargo de prefeito — e, em meio à sua biografia e aos elogios à sua pessoa e ao trabalho realizado pela/na cidade, Sebastião é também apontado como um “descendente muito próximo da 'Casa Grande' desta cidade, sendo bisneto do Cel. Simplício Dias da Silva, de portentoso renome, com descendência direta e legítima dos Seixas, estes também de linhagem fidalga, como foram os Dias da Silva” (Almanaque da Parnaíba, 1936, p. 33).

O texto comenta também que foi o Coronel Sebastião o responsável por impulsionar a comemoração do centenário do dia 19 de outubro de 1822, data em que Parnaíba adere à Independência do Brasil, ao erguer na Praça da Graça a primeira “coluna artística” como “símbolo significativo daquele feito honroso” (Almanaque da Parnaíba, 1936, p. 39), uma das muitas ações que o denotam, segundo os editores do *Almanaque da Parnaíba*, como um homem “com nobres sentimentos cívicos, honrado a tradição de sua família” (Almanaque da Parnaíba, 1936, p. 39). Curiosamente, apesar do texto procurar homenagear o coronel Sebastião e veicular uma fotografia dele, o texto conta também com o famoso retrato de Simplício Dias, dessa vez focando apenas na sua figura emoldurada por suas iniciais e pelas datas de 19 de outubro dos anos 1822 e 1922.

O texto da página seguinte, de título “Marco Histórico”, trata sobre a inauguração do monumento de mesmo nome, construído pela prefeitura municipal com o intuito de substituir os monumentos “Obelisco” e “Coluna” como homenagem ao 7 de setembro e ao 19 de outubro, contando ainda com uma placa em tributo aos seus heróis, “destemidos patriotas parnaibanos”, entre eles Simplício Dias (Almanaque da Parnaíba, 1936, p. 41).

Ainda na mesma edição foi publicado o poema “O áureo Jardim do Amor”, como agradecimento/retribuição ao poema escrito por Félix Aires sobre o Jardim Landri Sales, atualmente conhecido como Praça da Graça, localizada no centro da cidade. Alarico da Cunha, o autor de “O áureo Jardim do Amor”, inicia o poema descrevendo o Jardim Landri Sales como a representação do futuro que Parnaíba vivenciava e, depois, passa a elogiar a cidade. Além de ser descrita pelo autor como modesta mesmo diante de seu progresso, também é citada como nobre e gloriosa por proclamar a independência no dia 19 de outubro “Sem que chegasse a ti a mínima ciência / De que proclamada fôra a nossa independência” (Almanaque da Parnaíba, 1936, p. 232), motivo pelo qual os monumentos em homenagem tinham sido erguidos, “Perpetuando a memória e o feito dos heróis / Que deram nome a terra e imensas ufânias / Qual João Cândido e Osório e mais Simplício Dias!” (Almanaque da Parnaíba, 1936, p. 232).

Em 1938 e 1939 foram publicados artigos que citam a participação de Simplício Dias na criação da alfândega de Parnaíba. O primeiro texto, “Parnaíba e sua Alfândega”, trata da história do comércio/economia de Parnaíba desde seus primórdios como Vila de São João da Parnaíba e cita o processo que levou ao estabelecimento da alfândega de Parnaíba, iniciado quando, segundo o texto, o ex-governador Pedro José César de Menezes enviou ao então príncipe regente D. João um requerimento dos comerciantes Simplício Dias da Silva e Manoel Antonio Henrique da Silva pedindo pela criação de uma alfândega na vila, o que só veio acontecer em 1822 após esforços do deputado Padre Domingos da Conceição. O artigo “Alfândega de Parnaíba”, de 1939, exalta o sucesso da alfândega de Parnaíba no processo de “engrandecimento da fortuna pública do Paiz” (Almanaque da Parnaíba, 1939, p. 161) sob o comando do inspetor Almir de Oliveira que, em um evento por ele pensado em comemoração ao aniversário da alfândega, teria destacado “as figuras parnaibanas que contribuíram para a fundação do estabelecimento” (Almanaque da Parnaíba, 1939, p. 163), citando entre elas Simplício.

Ainda no anuário de 1938, há um texto escrito por Alarico da Cunha que descreve as “cenas do passado”, uma manhã de 1904 na cidade de Parnaíba, seu cotidiano, seus espaços, seus habitantes notáveis, entre outros, de tal forma que o leitor pensa estar assistindo a um vídeo. Além de ser retratada como uma cidade “silenciosa, comercial e burguesa” (Almanaque da Parnaíba, 1938, p. 333), também é descrita pelo autor como a “[...] “invicta” cidade dos Dias da Silva” (Almanaque da Parnaíba, 1938, p. 337).

Na edição de 1940, o artigo “Parnaíba (notícia histórica)” faz um relato, ao longo de 02 páginas, sobre a história da cidade de Parnaíba, que dataria desde o início da colonização de suas terras por Leonardo de Sá em 1699, passando pelo momento em que se torna a Vila de São João da Parnaíba em 18 de agosto de 1762 e, depois, quando é elevada à categoria de cidade, em 1844. Neste texto, Simplício só é citado no parágrafo que fala sobre o 19 de outubro, como um dos “heróis dessa jornada épica” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 39), juntamente com João Cândido de Deus e Silva, José Ferreira Meireles, Bernardo Antônio Saraiva e Timóteo de Brito.

O texto veicula também um retrato de Simplício Dias (Figura 3) no qual ele é retratado possuindo uma postura altiva, trajado de vestimentas que denotam o seu poderio financeiro e social, com a mão direita sobre sua espada e com um desenho ao lado apoiado em um cavalete representando o símbolo da maçonaria.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 37. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Como cita a notícia veiculada no anuário do ano de 1941, esse parágrafo em especial foi lido por Marina Veiga, uma radialista brasileira, durante uma das transmissões de seu programa de rádio nos EUA, após ter recebido das mãos de um parnaibano uma cópia da edição de 1940.

A seção calendário do ano de 1942, nomeado “Fatos da História Piauiense”, relembra acontecimentos considerados importantes para a história do Piauí de acordo com cada mês do ano. No artigo referente ao mês de fevereiro, é mencionado o longo ofício que Simplício Dias da Silva, diante de seus status de comandante da Vila de Parnaíba, teria recebido de Carlos César Burlamaqui, na época Governador da Província, em 2 de fevereiro de 1808, que narrava o embate entre França e Portugal em face do Bloqueio Continental, além de dar ordens de como proceder diante da ameaça e como defender o litoral, dever das forças de Parnaíba (Almanaque da Parnaíba, 1942).

No artigo do mês de junho, é relatado o papel do Coronel Simplício Dias da Silva no “feito heroico” que foi a tomada do ponto da Carnaubeira em 1823 e como aquele “feito do soldado parnaibano era de suma importância para a consolidação do ‘Independência ou Morte’ no Piauí”, levando Simplício a receber “os mais calorosos aplausos e justos elogios” da junta governativa (Almanaque da Parnaíba, 1942, p. 21). Destacando mais uma vez o processo de independência no Piauí, o texto referente a outubro menciona que esse mês deveria ser sintetizado no dia 19, visto que foi o dia em que “João Candido de Deus, Simplício Dias da Silva, Domingos Dias da Silva, José Ferreira Meireles e outros lançaram no paiol de pólvora do patriotismo deste povo, a centelha da Liberdade, proclamando a

independência e clamando D. Pedro I imperador e defensor perpétuo do Brasil” (Almanaque da Parnaíba, 1942, p. 21).

A edição de 1943 traz uma biografia de R. Fonseca Mendes, um dos colaboradores do Almanaque e parnaibano naturalizado, e finaliza o texto o descrevendo como uma pessoa que tem "seu nome ligado à maioria das realizações que se registram nos anais da terra de Simplício Dias" (Almanaque da Parnaíba, 1943, s/n).

Já no lançamento de 1944, a seção calendário foi nomeado “Fatos Históricos do Piauí”, ainda lembrando acontecimentos ocorridos em cada mês do ano. Assim como na edição de 1942, o texto do mês referente a junho evidencia que, entre seus filhos, a “invicta Parnaíba orgulha-se da figura nobre e brilhante de Simplício Dias” (Almanaque da Parnaíba, 1944, p. 19), que em um ato de coragem tinha sido responsável por fazer a tomada da Carnaubeira em 04 de junho de 1823, desaparecendo assim com a ameaça do inimigo.

Ao trabalhar os conceitos de memória, fama e história em seu livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Aleida Assmann afirma que a fama é a dimensão mundana repleta de glórias da memorização dos mortos — oposta à sua dimensão religiosa, *pietas* — que, até certo ponto, pode ser conquistada para si no seu próprio tempo de vida, mas que depende de três condições: “grandes feitos, sua documentação e sua rememoração na posteridade” (Assmann, 2011, p. 43). Porém, uma vez que a fama se desvinculou da memorização dos mortos, a glória já não era mais garantida por meio de grandes feitos, mas sim oferecida pelo poeta que os tornasse inesquecíveis, pois ele, “como um funcionário da fama, inscreve os nomes dos heróis diretamente na memória da posteridade” (Assmann, 2011, p. 43), o que neste trabalho ligamos aos autores presentes no *Almanaque da Parnaíba*.

Em textos como os que foram publicados nas edições de 1930, 1936 e 1944 está presente a ideia de Simplício como personalidade de grande notabilidade mesmo que em sua maioria essas publicações o tenham apenas como personagem secundário, ou seja, o mencionem brevemente, mas que ao apresentarem-no costumam destacar seu nível de relevância para a sociedade da época, falando de Simplício como um filho de Parnaíba e do qual a cidade muito se orgulharia e amaria. Segundo esses discursos, a sua importância no meio político, econômico e social da cidade justificaria o uso de sua pessoa como vocativo de Parnaíba, a exemplo das edições de 1928, 1938 e 1943 que, como previamente já mencionado, citam a cidade partir das designações “Pátria de Simplício Dias [...]”, “[...] ‘invicta’ cidade dos Dias da Silva” e “[...] terra de Simplício Dias”.

Da leitura feita a partir dos textos da primeira parte do recorte, percebe-se a presença constante de elogios grandiloquentes e a ausência de críticas à sua figura de Simplício Dias, predominando a enumeração de seus feitos que, segundo os autores, teriam contribuído para o desenvolvimento econômico de Parnaíba ou para a independência do Piauí e do Brasil, o que sugere que o comerciante já era discutido por esses escritores parnaibanos e teria suas ações por eles consideradas como importantes para a então Vila de São João da Parnaíba.

Simplício Dias da Silva entre 1945 e 1965

Simplício como figura central

O texto da edição de 1945, de título "Centenário de Parnaíba", afirma que, como "figura marcante do cenário Parnaibano" e "seu principal fundador" (Almanaque da Parnaíba, 1945, p. 343), o almanaque não poderia deixar de homenagear Simplício Dias da Silva, fazendo um breve relato dos principais pontos da sua vida pessoal, como seu nascimento, casamentos e filhos. É destacando, em especial, "os muitos benefícios prestados à sua terra natal" (Almanaque da Parnaíba, 1945, p. 343), que seriam eles: o subsídio para a construção da Igreja de N. S. das Graças, a criação da alfândega de Parnaíba, sua carreira militar de destaque, a participação no 19 de outubro e a indicação por parte de D. Pedro I para ser o primeiro presidente da então província do Piauí.

José Euclides de Miranda, advogado e professor, escreveu três textos que giravam em torno de Simplício, publicados nas edições de 1946, 1947 e 1956. O autor acreditava, conforme consta no texto de 03 laudas que redigiu para a edição de 1946, intitulado "Simplício Dias da Silva", que o Piauí e, em especial, Parnaíba, ainda eram ignorantes sobre o que Simplício teria feito pelo povo da então vila ao longo de sua vida, principalmente em relação à independência — visto que as pessoas estariam acostumadas a colocar o nome de Francisco de Miranda Osório na dianteira do movimento —, enquanto muitas eram as "lendas absurdas envolvidas em crueldades praticadas contra escravos" que circulavam entre a população em detrimento "de seus atos de patriota pelo bem de sua terra" (Almanaque da Parnaíba, 1946, p. 217).

Autor que mais escreveu no *Almanaque da Parnaíba* sobre Simplício e a família Dias da Silva, José Euclides de Miranda procurou defender a honra e a imagem do comerciante em mais de uma ocasião, defendendo a ideia de que a história econômica, política e religiosa do começo de Parnaíba girava em torno de Simplício Dias e sua família, além de afirmar que a

população de Parnaíba era ignorante sobre os feitos de Simplício em prol do desenvolvimento da antiga Vila de São João da Parnaíba.

Por um lado, essa opinião poderia entrar em conflito com o conteúdo dos textos analisados na primeira parte do recorte, recheados de louvores a Simplício pelo êxito de suas empreitadas comerciais e por suas habilidades políticas que, segundo os autores, teriam direcionado os holofotes para a Vila de São João da Parnaíba; por outro, ao levar em consideração que o *Almanaque da Parnaíba* era escrito e lido pela camada mais abastada da cidade, essa ideia talvez não fosse tão estranha à realidade da época. De qualquer forma, José Euclides de Miranda, a partir de sua convicção, escreveu textos em que advogou a favor da imagem dos Dias da Silva.

Segundo o autor, Simplício e seu pai, Domingo Dias da Silva, foram “ambos cabeça da cidade” (*Almanaque da Parnaíba*, 1946, p. 217) e responsáveis por abrir os portos do Piauí, enquanto Simplício teria se destacado na política devido a sua educação adquirida na Europa, que o levou a pôr “em prática as ideias de liberdade, criando um ambiente propício à propagação da Independência do Brasil” (*Almanaque da Parnaíba*, 1946, p. 219), recebendo homens em sua casa para discutir o que seria o 19 de outubro de 1822. Essas atitudes o levaram a ter os seus bens e os de sua família confiscados e a ter que se refugiar no Ceará, de onde teria voltado com ajuda.

Para José Euclides de Miranda, a principal figura “em redor dos homens notáveis da Vila de Parnaíba” (*Almanaque da Parnaíba*, 1946, p. 221) era Simplício Dias da Silva e, segundo o autor, Parnaíba ainda não o tinha cultuado de forma explícita e efetiva como seu grande filho, sendo defensor da ideia de que o comerciante merecia uma efígie de mármore em praça pública. Tal ideia só veio se tornar concreta em 2022 quando, por iniciativa da Academia Parnaibana de Letras e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba, além do apoio da Câmara Municipal e da Prefeitura de Parnaíba, uma estátua de Simplício foi inaugurada na Praça da Graça, em comemoração ao bicentenário do dia 19 de outubro de 1822.

Para a edição de 1947, Euclides de Miranda escreve o texto "Casa Grande", em que afirma que, apesar das muitas narrativas exageradas criadas pela imaginação da população ao redor de Simplício, os Dias da Silva tinham se destacado dentro e fora de Parnaíba, sendo uma das famílias mais poderosas do Piauí e talvez da região Norte e do Maranhão e Ceará. Tanto Simplício quanto seu pai, Domingos, teriam sido o centro das movimentações econômicas do Piauí graças às suas empreitadas comerciais e industriais, além da influência na política, na sociedade e na religião.

Simplício teria assumido a direção da Casa Grande após a morte de seu pai e, tomado por ideias liberais revolucionárias frutos dos seus anos de estudo na Europa, fez dela um ponto de encontro para as discussões de tais ideias, tendo por isso chefiado a "ação libertadora em prol da Independência no Piauí" (Almanaque da Parnaíba, 1947, p. 155) em que proclamaram a "liberdade política e a consagração de Pedro I, Imperador do Brasil" (Almanaque da Parnaíba, 1947, p. 157). Por último, José Euclides descreve Parnaíba como a "terra que Simplício Dias deu brilho e valor" (Almanaque da Parnaíba, 1947, p. 157) e lamenta o estado de abandono no qual a Casa Grande se encontrava na época em que escreveu o texto, clamando para que o governo a adquirisse e conservasse.

Segundo Idelmar Cavalcante Júnior (2015), ao tratarem de localidades, neste caso o centro urbano da cidade, os literatos da “escriturística da saudade” falavam com muita decepção da falta de conservação dos prédios e casarões, representantes de uma época de desenvolvimento econômico, do poder da burguesia e de seus esforços para a renovação da arquitetura local nos moldes da Belle Époque. José Euclides da Cunha era um ávido defensor de que Parnaíba deveria cultuar Simplício como uma forma de reconhecer o que ele teria feito pela cidade, para qual ele teria dado brilho e valor e, em um discurso característico da “escriturística da saudade”, lamentava que a “Casa Grande de Simplício Dias”, outrora uma manifestação da riqueza dos Dias da Silva, estivesse abandonada, por tanto tempo vazia de sentido e necessitando que novos significados lhe fossem atribuídos no processo de se tornar um símbolo importante para a cidade, sendo apontado assim como “o principal lugar honorífico de Parnaíba” (Cavalcante Júnior, 2015, p. 121).

Ainda na sua campanha de conservação, José Euclides de Miranda publica o artigo "A 'CASA GRANDE' de Parnaíba — S/S Origens — Ação-econômica-política-social, religiosa — Decadência — Desaparecimento" em 1956, o maior texto analisado neste trabalho com cerca de 09 páginas, onde muito se fala sobre Simplício. Segundo José Euclides, o trabalho e cavalheirismo de Simplício, considerado pelo autor como o “consolidador” da Casa Grande, foram os responsáveis pelo sucesso desta que, em troca, acabou por exercer um papel preponderante tanto na pessoa de Simplício Dias quanto na sua vida política e econômica, enfraquecendo apenas após sua morte.

A Casa Grande era uma entidade poderosa que dominou econômica, política, social, moral e religiosamente grande parte da Província, dominação que se fez pelo trabalho secundado pelo cavalheirismo de um homem que a cercou de uma auréola de prestígio que ainda hoje é recordada, depois de mais de um século (Almanaque da Parnaíba, 1956, p. 187).

Enquanto Domingos Dias da Silva é considerado como uma espécie de "organizador", o papel de Simplício passa a ser o de "consolidador da Casa Grande" (Almanaque da Parnaíba, 1956, p. 183) e, de fato, segundo Junia Rego (2010), as transações comerciais com o país e com o exterior se intensificaram durante sua administração. Porém, nesse mesmo texto, José Euclides chega a atribuir também a Simplício e suas empreitadas políticas a responsabilidade pela decadência da Casa Grande, que teria tido sua estabilidade econômica prejudicada diante da vida agitada e das expedições que o coronel fazia, a única crítica encontrada em todo o *Almanaque da Parnaíba* ao comerciante.

Euclides defende ainda que a "Casa Grande era o próprio Simplício" (Almanaque da Parnaíba, 1956, p. 189) e que o prestígio do seu nome e o valor da Casa eram o que o permitiam ser o principal incentivador da Independência, mas que ele não ignorava as consequências de suas atitudes e o que estava em risco quando aderiu ao movimento. O texto narra também que suas ações políticas foram desenvolvidas em diversos setores: a criação da Alfândega de Parnaíba; suas ações no exército; o seu reconhecimento pela participação e defesa do 19 de outubro; e, segundo o autor, a possibilidade de que, mesmo não tendo aderido à Confederação do Equador, "haja sido a pessoa de Simplício, o escudo que protegeu todos aqueles que em Parnaíba não esconderam seus nomes em demonstrações republicanas" (Almanaque da Parnaíba, 1956, p. 193).

Conforme o artigo, Simplício teria sido um homem impregnado de grandes ideias graças aos seus estudos na Europa na época em que as bases para a Revolução Francesa eram lançadas e que seria "possível e explicável" que se tenham lendas ao redor da questão escravocrata da época, mas que "Simplício Dias, a grande figura da Casa Grande, não foi essa pessoa má, atribuída a muitos grandes nas famílias que se fizeram maiores pela maldade com os escravos" (Almanaque da Parnaíba, 1956, p. 187).

É bastante notável nos discursos do autor o interesse em distanciar a "Casa Grande de Simplício Dias" do que ela representaria durante o período colonial — um símbolo de opressão em uma sociedade escravocrata — quando Euclides afirma que Simplício, apesar das histórias sobre sua pessoa, não teria cometido as mesmas crueldades com pessoas escravizadas que outras grandes famílias faziam. Segundo o que foi levantado por Junia Rego (2010), o inventário feito após a morte de Simplício Dias, porém, revela um montante de quatrocentos e quinze escravos vindos de diferentes nações e empregados em tarefas diversas, considerado um parâmetro grande para o Piauí, afirmação que se pode remeter ao que Aleida Assmann entende quando escreve que

Uma vez que os poetas são tão somente os ferreiros da fama, esse dom precioso pode ser conferido a alguém que não merece, e não se pode descartar a hipótese de juízos parciais. A mensagem do passado transmitida pelos poetas não é só parcial, mas também faz parte da ficção poética — se conhecêssemos os troianos a partir deles mesmos e não a partir da perspectiva do grego Homero, teríamos uma imagem totalmente diferente deles (Assmann, 2011, p. 45).

Simplício como figura secundária

Simplício é citado novamente no texto “O correio em Parnaíba”, lançado em 1947, que descreve o movimento feito para que uma agência dos Correios fosse estabelecida na vila. Segundo o artigo, o então governador-geral do Ceará, Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire, afirmou que foi graças ao requerimento enviado a ele pelo então juiz de fora, Dr. José Francisco da Silva Costa Furtado, e pelo Coronel Simplício Dias da Silva, relatando os desejos dos comerciantes e demais habitantes de Vila de Parnaíba, que ele decidiu fundar uma agência dos Correios. Sampaio teria afirmado ainda que Simplício, assim como muitos outros, fez também doações para auxiliar nas despesas daquele estabelecimento caso a receita fosse excedida, ato que demonstrava “generosidade e patriotismo” (Almanaque da Parnaíba, 1947, p. 319).

O artigo “Notas históricas do Piauí e de Piauienses”, escrito por Joel de Oliveira e presente no anuário lançado em 1949, relata o falecimento de João Candido de Deus e Silva, ocorrido dia 8 de agosto de 1860, na cidade de Niterói. O autor o descreve como “um dos heróis que, ao lado de Simplício Dias, tomou parte no memorável movimento de 19 de outubro de 1922” (Almanaque da Parnaíba, 1949, p. 215).

Nessa mesma edição, no artigo de “Notas à Cronologia Histórica de Parnaíba”, mais um texto escrito por José Euclides de Miranda, o autor narra todos os acontecimentos por ele considerados importantes da história de Parnaíba, desde a sua fundação como povoado Testa Branca até o ano de 1945, quando foi inaugurada a Diocese de Parnaíba. Ao longo desse texto, o nome de Simplício é mencionado primeiramente com o de seu pai, ambos sendo descritos como “fundadores da Parnaíba e edificadores da igreja” (Almanaque da Parnaíba, 1949, p. 231), se referindo à Igreja de N. S. das Graças, que começou a ser construída em 1770 e foi terminada em 1795; depois, é citado em referência ao ano de 1822, quando Simplício, assim como outros homens também mencionados no texto, participam do 19 de outubro e “erguem o grito de Independência do Brasil e do Piauí e aclamam D. Pedro, seu Imperador” (Almanaque da Parnaíba, 1949, p. 231); também é referido quando, em 30 de abril de 1823, Simplício teria retornado à Parnaíba com suas tropas e, em junho do mesmo

ano, tomado a Carnaubeira, no Maranhão, o último reduto dos portugueses; e, por último, quando faleceu, em 17 de setembro de 1829, sendo descrito como “um dos fundadores da Vila e herói da Independência” (Almanaque da Parnaíba, 1949, p. 233).

Para a edição de 1950, R. Petit escreveu o poema “Parnaíba”, onde descreve a cidade como a “[...] terra de luz e de alegrias / Que ergueu ao reino da imortalidade / Berilo Neves e Simplício Dias” (Almanaque da Parnaíba, 1950, p. 171). Em 1955, foi feita uma homenagem a Cândido Assunção no artigo “Mais de 50 anos de serviço no comércio do Piauí”, em que Parnaíba é citada como a “terra de Simplício Dias” (Almanaque da Parnaíba, 1950, p. 137) mais uma vez.

Em 1946, Alarico da Cunha, jornalista e poeta, escreveu o artigo “Águas Passadas”, que detalha como se deu o assassinato e morte de uma das filhas de Simplício Dias, Carolina Tomásia de Seixas e Silva de Miranda, além da investigação e julgamento do crime. Aqui, ele é descrito como “[...] famoso chefe da “Casa Grande”, Coronel Simplício Dias da Silva, Cavaleiro Fidalgo, conhecido e respeitado por suas façanhas nas memoráveis lutas em prol da Independência do Brasil e pelo fausto de sua vida em Parnaíba, cercado de mordomos, feitores e escravos” (Almanaque da Parnaíba, 1946, p. 51) e “grande amigo da Corôa” (Almanaque da Parnaíba, 1946, p. 58), enquanto Parnaíba é descrita como “nóvel cidade dos Dias da Silva e Miranda Osório [...]” (Almanaque da Parnaíba, 1946, p. 51).

Na edição de 1953, Simplício volta a ser citado por Alarico da Cunha, agora no artigo “A maçonaria no Piauí”, em que o autor se propõe a fazer um relato sobre como se deu a criação e ascensão da organização no estado. O autor se refere a Simplício como um dos independentistas da loja maçônica intitulada “Independência”, que teria funcionado próximo a Casa Grande desde 1820 e teria auxiliado na propaganda pró independência (Almanaque da Parnaíba, 1950), informações essa que, segundo Alarico, lhe foram passadas por velhos maçons e por documentos que lhe foram mostrados.

Em outro artigo escrito por Alarico da Cunha, um texto de 07 laudas intitulado “A independência do Piauí”, desta vez publicado na edição de 1955, o autor descreve o 19 de outubro como um ato “chefiado pelo célebre Coronel Simplício Dias da Silva, sob a influência do Dr. João Cândido de Deus e Silva e de outros heróicos independentistas, que se conduziram com denodo à frente da revolução triunfante, antes de terem conhecimento do brado de D. Pedro I, à margem do rio Ipiranga” (Almanaque da Parnaíba, 1955, p. 167). Diferentemente de outros autores, Alarico procura justificar essa ideia, afirmando que a convicção de que Parnaíba já estava à frente na luta pela independência seria corroborada por dados históricos de que, já no dia 25 de setembro de 1822, portugueses teriam solicitado à

Câmara que o tenente Joaquim Timóteo de Brito fosse retirado de sua função de comandante de destacamento por “exaltado nativismo” (Almanaque da Parnaíba, 1955, p. 169), além de denunciarem João Cândido de Deus e Silva por não dar ouvidos aos seus apelos.

O autor defende ainda que as Cortes de Lisboa estavam cientes do movimento para emancipação política no Brasil, ainda mais com as denúncias de complôs no Piauí, onde a maçonaria estaria agindo, a exemplo da organização à qual os independentistas parnaibanos faziam parte. Simplício é mais uma vez citado no texto quando o autor comenta que os jornalistas do Maranhão, principalmente de São Luís, teriam movido uma forte campanha contra Simplício e João Cândido de Deus e Silva, “cabeças da revolução independentistas de Parnaíba” (Almanaque da Parnaíba, 1955, p. 173).

Alarico da Cunha, assim como José Euclides de Miranda, foi um dos autores que mais escreveu direta ou indiretamente sobre Simplício, uma vez que, apesar de não ser historiador, publicou artigos em que tentou, a título de curiosidade, pesquisar/reconstituir alguns acontecimentos como o assassinato de dona Carolina Tomásia de Seixas e Silva de Miranda; a história da maçonaria no Piauí e o movimento da independência no Piauí, episódios que se ligam de uma maneira ou outra à figura de Simplício Dias.

Em relação à questão da independência no Piauí, como foi mencionado, Alarico da Cunha era defensor da ideia de que o movimento tinha sido espontâneo, visão presente também em outros textos veiculados no *Almanaque da Parnaíba* uma vez que, quando o assunto se trata do 19 de outubro, data da adesão do Piauí à Independência do Brasil, há um discurso recorrente que descreve o evento como um ato natural e alheio ao 7 de setembro devido às dificuldades de comunicação da época, o que tornaria a ação dos parnaibanos e a personalidade de Simplício mais audaciosa e corajosa.

O último texto desse recorte a citar Simplício Dias também seguiu a temática da independência, uma vez que José Euclides de Miranda escreve para a edição de 1961 um artigo destrinchando o “19 de outubro de 1822”. Segundo o autor, dois homens eminentes, João Cândido de Deus e Silva e Simplício Dias da Silva, eram a cabeça e o braço do movimento libertador, sendo Simplício “comandante de pequena tropa na Vila, dono de cabedaes, era a firmeza da situação” (Almanaque da Parnaíba, 1961, p. 67), o que, de acordo com José Euclides, diferia das ideias ainda muito presentes na sociedade que deram a esses homens o título de fujões que abandonaram a vila, resultado da ignorância sobre os fatos que levaram a adesão da independência em Parnaíba e do desconhecimento sobre “as figuras centrais da libertação”, pois “sua retirada entretanto, era uma necessidade” (Almanaque da Parnaíba, 1961, p. 69).

O autor descreve ainda como Simplício teria agido durante a tomada de Carnaubearas, povoado maranhense no município de Araiões, tirando-a da mão dos inimigos, o que veio a lhe render elogios da Junta de Oeiras, que agora não mais o via como um precipitado por causa do 19 de outubro, mas como “o homem necessário” (*Almanaque da Parnaíba*, 1961, p. 70). Por causa dessas ações, D. Pedro I teria trocado cartas com Simplício e lhe oferecido o cargo de presidente da província, que por estar localizado no município de Oeiras, foi rejeitado. Ainda assim, D. Pedro o encheu de “honras, de cavalheiro, torna-o fidalgo de sua casa, Casa Grande de Parnaíba, tão conhecida como a Casa da Torre, dos Avilas, na Bahia” (*Almanaque da Parnaíba*, 1961, p. 70).

É a partir de discursos como os de José Euclides e Alarico que muitas são as ocasiões em que Simplício é descrito como herói e/ou patriota, alguém tomado por ideias liberais revolucionárias devido sua formação europeia e seu contato com revoluções da época e ideais iluministas. Porém, a descrição de Simplício como herói/patriota/chefe se configura como um retrato recorrente não só em outros textos dentro segunda parte do recorte, mas como um dos aspectos mais explorados no *Almanaque da Parnaíba* na totalidade.

Em *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, José Murilo de Carvalho (1990), afirma que o imaginário social é formado e manifestado por rituais, alegorias, mitos e símbolos, estes dois últimos sendo poderosos elementos de projeção coletiva que, se bem sucedidos, são capazes de nortear condutas. Segundo o autor

A criação de um mito de origem é fenômeno universal que se verifica não só em regimes políticos mas também em nações, povos, tribos, cidades. Com frequência disfarçado de historiografia, ou talvez indissolúvelmente nela enredado, o mito de origem procura estabelecer uma versão dos fatos, real ou imaginada, que dará sentido e legitimidade à situação vencedora. No caso da criação de novos regimes, o mito estabelecerá a verdade da solução vencedora contra as forças do passado ou da oposição. Se não são abertamente distorcidos, os fatos adquirirão, na versão mitificada, dimensões apropriadas à transmissão da ideia de desejabilidade e de superioridade da nova situação. A mesma distorção sofrerão as personagens envolvidas. (Carvalho, 1990, p. 14)

Os heróis seriam “símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. [...] instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos” (Carvalho, 1990, p. 58), porém, conforme aponta o autor, a criação de um herói não se faz de forma aleatória, mas sim em um contexto específico visando suprir demandas ou aspirações coletivas, refletindo ideias ou valores considerados necessários.

Ao analisar as narrativas criadas a partir da imagem de Simplício Dias em obras das décadas de 1980 a 2000, Francineila Lima Miranda (2022) relata que o papel de Simplício na “escriturística da saudade” parnaibana é o de servir como um exemplo — de masculinidade, civismo, heroísmo e autoridade. Seria a partir da exaltação da pessoa de Simplício Dias, visto como responsável pela adesão da Independência do Brasil no Piauí e cuja personalidade e atributos seriam um reflexo das virtudes e valores dos parnaibanos, que a relevância da cidade e seu passado grandioso poderiam ser evidenciados mais uma vez.

O reconhecimento de valores morais e cívicos concomitantemente com o enaltecimento de grandes nomes da cidade retomariam um aspecto importante da história segundo os ideais do seletivo grupo de intelectuais que buscaram (re)escreve-la (Miranda, 2022, p. 21).

Por isso, Aleida chama a atenção para que o "passado recordado" não seja "confundido com o conhecimento geral desinteressado do passado que denominamos 'história'" (Assmann, 2011, p. 91), uma vez que o primeiro está ligado a projetos identitários, além de interpretações e valores do presente, desempenhando assim um papel na formação da identidade nacional. Enquanto um processo de recordação individual ocorre de forma espontânea seguindo as regras gerais da mente, a memória cultural atravessa políticas de esquecimento e recordação que, ao não se deparar com reflexões e críticas, podem levar à simplificação, alteração ou ao uso para fins específicos daquela recordação (Assmann, 2011, p. 19).

Como citado anteriormente, os textos da “escriturística da saudade” que envolviam os ilustres personagens parnaibanos eram discursos vazios de críticas e que focavam em uma história superficial com o intuito de apenas para confirmar os valores dos seus "grandes homens" do passado, pois só “ignorando contradições conceituais e política a história de Parnaíba encontraria seu sentido e escaparia da impossibilidade de explicar a sua estagnação no presente” (Cavalcante Júnior, 2015, p. 124). O autor completa esse pensamento quando aponta que

Falta, portanto, à escriturística da saudade uma atitude crítica, uma reflexão que questione o porquê do declínio econômico de Parnaíba, para além dos interesses imediatos, sobretudo os afetivos, de uma importante parcela de sua intelectualidade, aquela voltada para a defesa das tradições. Sobra, por outro lado, um interesse pelo que é “monumental”, por uma história apologética que se satisfaz em apontar uma trajetória evolutiva que teria sido iniciada em algum lugar do passado e que, uma vez interrompida, deveria ser retomada para que Parnaíba continuasse aquilo que seria sua evolução natural. Recordar os seus “heróis” e seus grandes feitos responsáveis por essa trajetória seria uma tentativa de recolocar a cidade na história, marchando até a sua realização plena (Cavalcante Júnior, 2023, p. 94)

Apesar de sua morte há séculos, a figura de Simplício permaneceu presente na memória coletiva dos autores parnaibanos, uma vez que suas ações foram lembradas por meio de biografias, poemas, artigos e ensaios que exploram sua vida, suas realizações e seu impacto na cidade. Simplício Dias, desde os primeiros anos de circulação do *Almanaque da Parnaíba*, foi repetidamente retratado como um homem notável, um patriota dedicado, um comerciante próspero e um cidadão exemplar, tendo seu nome frequentemente associado à prosperidade e ao progresso de Parnaíba, ou seja, a "'memória coletiva' do parnaibano não é um baú de tesouros depositados democraticamente, ao longo do tempo, por todos os cidadãos da cidade e por razões afetivas; é uma memória exercitada, manipuladas pelos sistemas de autoridade" (Cavalcante Júnior, 2023, p. 93).

Isto posto, o processo de mitificação de Simplício — a construção de sua imagem como herói e importante personagem histórico de Parnaíba — já estava em andamento desde a primeira parte do recorte aqui analisado, uma vez que os autores da época apontavam e elogiavam constantemente ações de Simplício que, segundo eles, teriam sido de grande contribuição para a economia e independência local. A presença de Simplício Dias e desse enaltecimento à sua pessoa nos primeiros anos de circulação do *Almanaque da Parnaíba* contribuiu para que os autores da “escriturística da saudade” parnaibana o escolhessem para auxiliá-los no projeto de reafirmar sua ideia de um passado glorioso de Parnaíba, partindo de um movimento que procurou racionalizar/justificar os elogios que a ele eram dados, contribuindo tanto para o seu processo de mitificação quanto para que o seu nome permanecesse presente nos discursos da época.

Considerações finais

Ao longo do apresentado neste trabalho percebe-se que a figura de Simplício Dias da Silva orbita há muito tempo o cotidiano e a história da cidade Parnaíba, se não, pelo menos os discursos dos autores e editores do *Almanaque da Parnaíba*, uma vez que, apesar das mudanças editoriais sofridas pelo anuário ao longo do tempo e, principalmente, das transformações sociais, políticas e econômicas pelas quais a cidade passou, a presença de Simplício seguiu constante em suas páginas, ainda que haja contextos diferentes por trás das menções ao seu nome.

Entre os anos de 1924 e 1944, referente ao primeiro recorte desta pesquisa, foram lançadas um total de 20 edições do *Almanaque da Parnaíba*, dentre as quais 17 possuem

alguma menção ao nome de Simplício Dias. Segundo foi observado, distribuído entre essas 17 edições, haviam 19 textos inéditos em formato de artigo, poema e/ou verbete enciclopédico que o mencionavam brevemente ou que o tinham como o principal foco do texto. Já na segunda parte do recorte, que diz respeito aos anos de 1945 a 1965, foram publicadas outras 20 edições do *Almanaque da Parnaíba*, mas apenas 09 edições contaram com alguma menção a Simplício, somando um total de 13 artigos/poemas inéditos ao longo desses lançamentos.

Após uma análise quantitativa das matérias presentes no anuário, nota-se uma predominância numérica de textos que, de alguma forma, mencionam o nome de Simplício entre os lançamentos feitos durante a primeira parte do período estudado, que é equivalente aos anos de 1924 a 1944, quando comparada com a segunda (1945-1965). Da leitura feita a partir desses textos, percebeu-se a presença de elogios grandiloquentes e a ausência de críticas à Simplício Dias, uma vez que a ele são atribuídas benfeitorias para o desenvolvimento político e econômico da vila, o que sugere que sua figura já era discutida pelos autores veiculado no *Almanaque da Parnaíba* e que o processo de mitificação da sua imagem já estava em andamento.

Enquanto os textos lançados entre 1924-1944 possuem uma superioridade quantitativa, a superioridade qualitativa está presente nos textos da segunda parte do recorte (1945-1965) que, quando analisados, percebe-se que são mais conteudistas, longos e detalhados do que aqueles da primeira parte do recorte, principalmente quando se trata das matérias que possuem Simplício Dias como o tema principal do texto, focando em sua figura, sua família e seus negócios. Os autores presentes nesse recorte, influenciados pela “escriturística da saudade”, aparentemente tomaram para si a tarefa de relembrar os feitos de Simplício e defender sua importância para a cidade, usando não só o tom elogioso que já estava presente na primeira parte do recorte, mas também procurando justificar essa exaltação, apresentando a defesa dos motivos pelos quais os elogios seriam merecidos.

A “escriturística da saudade”, como uma prática de autores que tinham o objetivo de reafirmar a grandeza de Parnaíba, preservando a memória que eles e seus antepassados, pertencentes a grupos elitistas ou descendentes de uma fidalguia agora decadente, tinham da cidade em seus “tempos de exuberância”, passou a se fazer presente no *Almanaque da Parnaíba* a partir da segunda metade do século XX. Nesse processo, se utilizaram da imagem Simplício Dias, um comerciante influente do século XVIII com certo grau de participação no movimento que levou a adesão do Piauí à Independência do Brasil, considerado por esses autores como um símbolo de sucesso e um modelo a ser seguido, uma figura que personifica os ideais e aspirações da cidade que eles tinham para a cidade.

Dessa forma, a presença constante ao longo dos anos do nome de Simplício Dias nas páginas do *Almanaque da Parnaíba* não seu deu apenas pela importância para o desenvolvimento da então Vila de São João da Parnaíba que lhe foi atribuída pelos autores presentes no anuário durante os primeiros anos de sua circulação, mas também um feito dos autores da "escriturística da saudade" que, ao escolher venerar Simplício Dias e suas ações como forma de reafirmar os valores parnaibanos por eles pensados (patriotismo, civilidade, etc.) e a história da cidade por eles e seus antepassados vivida (de importância econômica, moderna, próspera), contribuiu fornecendo a base, a fundamentação para a mitificação de sua imagem e a mantendo presente nos discursos aos longos dos anos.

Assim, o prestígio que Simplício teria hoje como herói e personagem importante da história de Parnaíba, levando-o a dar nome para conjuntos habitacionais, ponte, rua, banda municipal, além de possuir duas estátuas em sua homenagem pela cidade, foi, no contexto do *Almanaque da Parnaíba*, construído pelos discursos dos autores presentes nas suas primeiras décadas de circulação e mantido e fundamentado a partir da sua relação de mutualismo com os autores da "escriturística da saudade" parnaibana.

Referências

PARNAÍBA. Lei n.º 256, de 7 de setembro de 1963. Institue as Armas Municipais, e dá outras providências. Parnaíba, PI: Código de Posturas do Município da Parnaíba, 1963.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BOTTON, Fernando Bagiotto. Escalas de poder: masculinidades, política e progresso no nordeste brasileiro dos anos 1940. *Diálogos*, v. 26, n. 1, p. 219-235, 15 abr. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. A escriturística de uma saudade parnaibana: História, tempo e espaço na cidade de Parnaíba-PI. In.: CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes; LIMA, Frederico Osanam Amorim (Org.). In: *Parnaíba: Ver, sentir e dizer*. Parnaíba: Sieart, 2015. p. 111-126.

CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. Feliz o Aquiles que tem o seu Homero: a escriturística da saudade e a construção dos "heróis" parnaibanos. In: BOTTON, Fernando Bagiotto; CUNHA, Renata Cristina da (Org.). In: *Ensino de história: teorias, práticas e novas abordagens – Volume 4: "O heroico, o lendário e o fabuloso: fronteiras transdisciplinares entre ensino de História, memória e literatura"*. Recife: Edupe, 2023. p. 85-105.

CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos (Org.). *O Livro do Centenário de Parnaíba: estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LIMA, Frederico Osanam Amorim; RIBEIRO, Mara Beatriz de Carvalho. As propagandas no Almanaque da Parnaíba: Sintomas do desenvolvimento local e aspectos da modernidade urbana. In.: CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes; LIMA, Frederico Osanam Amorim (Org.). In: *Parnaíba: Ver, sentir e dizer*. Parnaíba: Sieart, 2015. p. 83-110.

MIRANDA, Francineila Lima. *O homem do 19 de Outubro: memória, heroísmo e virilidade de Simplicio Dias nos discursos histórico-memorialísticos parnaibanos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) - Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2022. 39 p.

SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. *Almanack da Parnahyba: desejo de modernidade sob o véu da barbárie em Parnaíba - Piauí (1924 - 1941)*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. 199 p.

PEREIRA, Samylla de Sousa. Liderança política e hierarquias do poder: Getúlio Vargas e o papel da imprensa para a formação de chefes em Parnaíba-PI. In: BOTTON, Fernando Bagiotto; CUNHA, Renata Cristina da (Org.). In: *Ensino de história: teorias, práticas e novas abordagens – Volume 4: “O heroico, o lendário e o fabuloso: fronteiras transdisciplinares entre ensino de História, memória e literatura”*. Recife: Edupe, 2023. p. 17-36.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. 291 p.

Fontes

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 3, 1926.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 5, 1928.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 6, 1929.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 7, 1930.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 10, 1933.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 11, 1934.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 13, 1936.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 15, 1938.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 16, 1939.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 17, 1940.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 18, 1941.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 19, 1942.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 20, 1943.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 22, 1945.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 23, 1946.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 24, 1947.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 26, 1949.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 27, 1950.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 30, 1953.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 32, 1955.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 33, 1956.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Ranulpho Torres Raposo, ano 38, 1961.